

O ANTICLERICALISMO ANARQUISTA

Durante a Primeira República Brasileira (1899-1920)

PABLO DOS SANTOS MARTINS*

RESUMO

Este artigo é um estudo sobre o movimento anticlerical anarquista durante a República Velha no Brasil. Para tal, tem como recorte temporal o período de 1899 a 1920, época de maior efusão das ideias anticlericais nos sindicatos e na imprensa operária, a partir do jornal *A Lanterna*. A principal argumentação é de que a luta contra a Igreja Católica era uma das principais bandeiras defendida pelos anarquistas brasileiros em prol da revolução social. O trabalho surge a partir de fontes primárias, jornais e estatutos de associações operárias, encontrados no Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro (AMORJ) e nos arquivos da Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ). Como expoente das lutas sociais das primeiras décadas do século XX no Brasil, estudar o anticlericalismo anarquista contribui para a compreensão das lutas operárias dentro do quadro social do capitalismo brasileiro.

Palavras-chave: Anarquismo; Anticlericalismo; A Lanterna.

ABSTRACT

This article is a study of the anticlerical anarchist movement during the Old Republic in Brazil. To this end, the period from 1899 to 1920 is the period of greatest effusion of these ideas in the trade unions and in the workers' press, from the newspaper *A Lanterna*. The main argument is that the struggle against the Catholic Church was one of the main flags defended by the Brazilian anarchists in favor of the social revolution. The work comes from primary sources, newspapers and statutes of workers' associations, found in the Worker's Memory Archive of Rio de Janeiro (AMORJ) and in the archives of the Federation of Anarchists of Rio de Janeiro (FARJ). As an exponent of the social struggles of the first decades of the 20th century in Brazil, studying anarchist anticlericalism contributes to the understanding of workers' struggles within the framework of Brazilian capitalism.

Keywords: Anarchism; Anticlericalism; A Lanterna.

* Graduando do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense (UFF).
Email: pablobotafoguense@hotmail.com

Anticlericalismo: Origens, Noção e Desdobramentos

No início do século XIX, tendo como influência os rumos da Revolução Francesa, iniciou-se na Europa um longo processo de laicização da sociedade. A fundação da Primeira República Francesa foi um marco para o processo de secularização.

A palavra anticlerical é de origem francesa e foi utilizada pela primeira vez por volta de 1850, tornando-se bastante usual a partir de então, quando passou a integrar o vocabulário dos programas políticos de grupos socialistas¹. Nesta perspectiva, a Igreja Católica viu seu poder ser reduzido de forma radical – tanto na esfera política quanto na esfera da vida privada – e foi amplamente atacada por grupos anticlericais.

No fim do século XIX e início do XX, esse anticlericalismo radical adquiriu um perfil claramente ateu com os anarquistas e socialistas em geral, espalhando-se não somente pela Europa, mas também para a América Latina.

Entre o último quartel do século XIX e as duas primeiras décadas do XX, embora as religiões não apresentassem um decréscimo aparente em escala mundial, era evidente o recuo sem precedentes das religiões tradicionais, sobretudo nos países católicos. O progresso – o avanço da ciência e da razão, assim como o crescimento do processo de secularização – promoveu a perda de status da Igreja e seu caráter de principal organização social. As lutas pela emancipação promovidas pelas classes oprimidas e também os interesses de políticos liberais fizeram com que ocorresse uma acentuada descristianização e um anticlericalismo cada vez mais militante:

O anticlericalismo se tornou um problema central da política dos países católicos por duas razões principais: porque a Igreja Católica Romana optava por uma rejeição total da ideologia da razão e do progresso, só podendo, portanto, ser identificada à direita política, e porque a luta conta a superstição e o obscurantismo, mais que dividir capitalistas e proletários, uniu a burguesia liberal e a classe trabalhadora².

No Brasil, a oposição dos ideais clericais e a postura da Igreja em relação aos ideais socialistas e de outros grupos anticlericais possibilitaram um anticlericalismo militante. As explicações desses movimentos anticlericais do fim do século XIX e início do século XX levam em consideração o fato de serem respostas de diferentes setores socioculturais às transformações que vivenciavam, além de compreender a crise de identidade de uma Igreja que era atacada em todo o mundo e que no Brasil, por conta da República, perdia seu papel de tutela ao lado do Estado.

Estes movimentos anticlericais da Primeira República Brasileira tiveram, entre suas diversas tendências, os anarquistas sindicalistas como maior expoente. A conquista de uma futura sociedade ácrata passava pela rejeição dos dogmas religiosos e imposições que, sobretudo, eram impostas pelos padres católicos em um país profundamente religioso.

O Anticlericalismo Anarquista no Brasil

1 VERUCCI, Guido. "Anticlericalismo" In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (Orgs.). *Dicionário de política*. Tradução de João Ferreira, Carmem C. Varriale e outros. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

2 HOBBSAWN, Eric J. *A Era dos Impérios – 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p.36.

As mudanças ocorridas na economia brasileira na virada do século XIX para o século XX iniciam um período de expansão de um setor industrial emergente, baseado na indústria têxtil³ –maior empregadora da força de trabalho industrial–, de construção civil e de transporte ferroviário, nos principais núcleos urbanos do país, concentrando-se em São Paulo e no Rio de Janeiro, permitindo a formação de um nascente proletariado urbano. Neste contexto, a principal vertente do anarquismo durante a Primeira República foi anarco-sindicalista que, segundo Carlos Augusto Addor:

[...] foi principalmente através da vertente anarco-sindicalista, senão a tendência política hegemônica no interior do movimento operário e sindical brasileiro, certamente uma das mais fortes, atuantes e combativas correntes organizatórias da classe trabalhadora urbana no eixo geográfico Rio de Janeiro-São Paulo-Santos, assim como conseguiu construir significativa representatividade no seio desse proletariado urbano então em formação⁴.

Boris Fausto identifica que as condições sociais e políticas da República Oligárquica confirmavam em grande parte a crítica dos grupos anarquistas à sociedade burguesa⁵, com o conflito capital x trabalho sendo um dos grandes expoentes da dinâmica social das duas primeiras décadas do século XX brasileiro. Desta forma, o anarco-sindicalismo aparece como estratégia de luta, tendo como principal ferramenta de resistência o sindicato: greves, revoltas e sabotagens fazem parte desta vertente, que atinge um ponto vital do capital, a produção. Assim, em seu projeto de transformação social e luta contra a “tríade maldita” – O Estado, o Capital e a Igreja –, o anticlericalismo aparece com destaque nas ações anarquistas.

O anticlericalismo anarquista era militante e abertamente ateu. Os anarquistas brasileiros repudiavam a religião através de um discurso violento e fundaram jornais antirreligiosos, ligas anticlericais e escolas racionalistas para combater a presença da Igreja no campo da educação e da formação de crianças e jovens, influência vista como nefasta e contra a razão.

O discurso anticlerical anarquista pretendia libertar o operariado de toda a escravidão moral e social e para tal era necessário combater a Igreja, o Capital e o Estado através da revolução social. Mikhail Bakunin (1814-1876) afirmava que a existência de um Deus onipotente tornava a humanidade eternamente escrava⁶, cuja assertiva foi complementada na frase de Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865): “Se Deus existe, ele é inimigo do homem”⁷.

Fundamentados no racionalismo, na influência de pensadores anticlericais europeus e na crença de que o homem é o único agente de transformação social, os libertários brasileiros rejeitavam quaisquer manifestações religiosas e acreditavam que estas, enquanto formas ideológicas de dominação e submissão deveriam ser combatidas a todo custo.

Na concepção libertária a Igreja Católica, com seus dogmas, princípios e ritos, era associada à estagnação e ignorância. Uma instituição a ser combatida já que escravizava os humanos, principalmente as mulheres, embotando-lhes a reflexão e a ação consciente a partir da difusão de verdades cristalizadas no tempo, colocando o paraíso além da vida na Terra e aceitando a exploração capitalista através da resignação.

3 HARDMAN, Francisco Foot; LEONARDI, Victor (Orgs.). *História da Indústria e do Trabalho no Brasil: das origens aos anos vinte*. São Paulo: Global, 1982, p.191.

4 ADDOR, Carlos Augusto. “Anarquismo e movimento operário nas três primeiras décadas da República” In: ADDOR, Carlos Augusto; DEMINICIS, Rafael (Orgs.). *História do Anarquismo no Brasil (volume 2)*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2009, p.15.

5 FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e Conflito Social (1890-1920)*. São Paulo: Difel, 1976, p.69.

6 BAKUNIN, Mikhail. *Federalismo, Socialismo e Antiteologismo*. São Paulo: Cortez, 1988, p.86.

7 PROUDHON, Pierre-Joseph. *A propriedade é um roubo*. São Paulo: L&PM, 1998, p.26.

Neste contexto de combate à influência da Igreja Católica o tema religião foi amplamente discutido nos congressos operários pela Federação Operária de São Paulo (FOSP), constituída em 1905, em seu Segundo Congresso Estadual, realizado entre os dias 17 e 19 de abril de 1908, cujo objetivo era discutir as decisões tomadas no Primeiro Congresso Operário Brasileiro, realizado em 1906⁸:

1. Tema – É útil que as ligas façam propaganda antirreligiosa?

Aprovado: O 2º Congresso Estadual Operário acha oportuno fazer notar que os jornais das diversas Ligas devem ser uma tribuna livre, aberta aos operários sobre todos os assuntos⁹.

Embora de caráter neutro, a moção aprovada demonstra a preocupação dos militantes no que tange à religião e seus efeitos no movimento sindical; contudo, apesar de caráter neutro, das dificuldades criadas pelos discursos e práticas anticlericais, em várias oportunidades os sindicalistas revolucionários apresentaram e aprovaram moções nitidamente contrárias à religião e ao clero católico.

Entre o período de 8 e 12 de setembro de 1913, após intensa campanha, foi realizado, no Rio de Janeiro, o II Congresso Operário Brasileiro. Duas federações operárias (Rio Grande do Sul e Alagoas); cinco federações operárias locais (Rio de Janeiro, Santos, Porto Alegre, Pelotas e Maceió); 52 sindicatos, sociedades e ligas operárias e 4 jornais operários atenderam ao convite do COB e compareceram ao evento.

Este II Congresso foi caracterizado pela confirmação e aprovação das teses anarco-sindicalistas apresentadas no I Congresso e a discussão de outros temas que foram poucos debatidos na primeira edição, dentre eles o condenamento da influência da Igreja no meio sindical, o chamado sindicalismo católico, que era dirigido pelas autoridades eclesiais. Por conta desta Influência da Igreja no sindicalismo operário, a moção apresentada pelos militantes Astrojildo Pereira, do jornal *O Trabalho*, de Bagé, e José Romero, do Sindicato de Ofícios Vários de São Paulo foi aprovada. Esta moção consistia em:

Décimo terceiro tema:

Atitude dos sindicalistas revolucionários em face da organização operária iniciada e auxiliada pelo clero católico:

Considerado que o clero católico tem sustentado ultimamente uma ativa propaganda de organização operária sob os seus auspícios;

Considerando que a intromissão de qualquer seita religiosa nas agremiações operárias é uma manifestação eminentemente partidária e que, por isso mesmo, vem destruir a organização baseada no interesse econômico comum de todos os trabalhadores;

E considerado principalmente que 'sindicato católico' constitui a maior escola de crumirismo e passividade;

'O Segundo Congresso Operário Brasileiro', de conformidade com a orientação estabelecida em 1906, e agora ratificada, orientação esta que mostra as viraldades que resultaram da adoção de uma doutrina religiosa no seio dos sindicatos, aconselha o proletariado do Brasil a se afastar, de modo absoluto, deste instrumento de engano e de cegueira que é o chamado "sindicato católico"¹⁰

A presença da Igreja no meio sindical era um grande problema enfrentado pelos

8 Mantive a forma de escrita original encontrada em todas as fontes utilizadas neste trabalho.

9 RODRIGUES, Edgar. *Alvorada Operária: Os Congressos Operários no Brasil*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1979, p.28.

10 *A VOZ DO TRABALHADOR*. Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1913, n.39, p.46.

militantes anarquistas. Em um país onde mais de 90% da população professava a fé católica, mesmo no meio anarco-sindicalista a influência de bispos e padres fazia-se presente. Era constante, por parte dos militantes mais radicais a denúncia contra companheiros que professavam o catolicismo e o intenso combate antirreligioso visando o afastamento dos chamados “sindicalistas amarelos”¹¹.

Já no III Congresso Operário Brasileiro, realizado em abril de 1920, no Rio de Janeiro, que ocorreu em um momento de refluxo do movimento sindical no país por conta da perseguição política e repressão estatal, a ofensiva contra a Igreja também esteve presente e esta foi associada ao Estado e a burguesia na busca de esvaziar e suprimir o movimento operário, conforme uma ata discutida no congresso:

Ao lado da ação policial, dos regulamentos internos de fábricas e oficinas, das leis repressoras, da expulsão de estrangeiros, ocorreu uma investida por parte da burguesia, do Estado, da Igreja e de outros setores da sociedade no sentido de esvaziar o movimento sindical e de ampliar e aperfeiçoar novas formas de controle¹².

A questão da religião – a influência da Igreja no meio sindical e os militantes que professavam a fé católica – sempre esteve em voga no discurso da militância anarco-sindicalista e este tema foi debatido em todas as discussões travadas nos congressos operários, com os militantes anarquistas sempre se opondo aos padres que tinham influência no meio sindical e seus sindicalistas amarelos.

A militância contra o clero católico ocupava um lugar de destaque nas ações anarquistas. Para Edgar Rodrigues (1921-2009), anarquista português e historiador, a militância anticlerical consistia em:

- a) Luta contra os padres, para mostrar as contradições de suas vidas com as doutrinas que professavam, o sacerdócio como profissão, tendo o interesse material como base;
- b) Luta contra a influência política da Igreja, ação direta e pela propaganda extraparlamentar;
- c) Denúncia do poder econômico da Igreja, da Igreja como empresa, como auxiliar da exploração capitalista, como fator do crumirismo¹³.

Como a maior influência dos ideais anarquistas aconteceu em países em que a população era majoritariamente católica, os choques entre as duas concepções foram inevitáveis. O radicalismo do anticlericalismo anarquista foi aumentando conforme os padres e a Igreja mais irados ficavam. Bakunin, amplamente influente no meio anarquista brasileiro, no artigo *O Estado: alienação e natureza*, assim como em outros textos, destacou a necessidade de se lutar contra a Igreja Católica: “Todos os Estados onde os povos ainda podem respirar, são, do ponto de vista ideal de Estado, incompletos, como são todas as Igrejas em comparação com a Igreja Católica”¹⁴.

Embora fossem ameaçados com o martírio do inferno pelo clero por se desviarem do caminho de Cristo, os anarquistas apontavam que entre as condições de vida das exploradas classes trabalhadoras e o local da pena bíblica a diferença era, talvez, apenas de grau.

11 Sindicalistas amarelos eram aqueles ligados ao clero, aqueles que visavam ganhos imediatos e o benefício próprio, exclusivamente.

12 CAMPOS, Cristina Hebling. *O Sonhar Libertário: movimento operário nos anos de 1917 a 1921*. Campinas: Pontes/Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988, p.20.

13 RODRIGUES, Edgar. *Socialismo: Uma visão alfabética*. Rio de Janeiro: Porta Aberta, 1942, p.32.

14 BAKUNIN, Mikhail. *Federalismo, Socialismo e Antiteologismo*. São Paulo: Cortez, 1988, p.86.

Os libertários compreendiam a religião como um conjunto de preceitos que estabelecia a dependência e submissão do pobre ao rico, do trabalhador ao capitalista, do povo ao governo, ao Estado, e que santificava a dependência do escravo ao tirano.

A Igreja Católica era enxergada como uma das mantenedoras da exploração do capital: “Ora, a Igreja é capitalista, proprietária, acumuladora: logo, os interesses delas são contrários, opostos e adversos aos interesses dos trabalhadores”¹⁵.

Oaltocleroeraalvodeumaviolentacampanhanegativaesuacondutaeraconstantemente denunciada pelos militantes anticlericais, assim como sua hipocrisia em temas da vida cotidiana:

O clero católico é uma vasta associação religiosa – política – social, cujos fins se afastam da civilização contemporânea, cujos membros, pela característica de seus modos de vida, afastando-se da realidade da vida, constituem uma ameaça constante ao progresso e à ciência, à moral e aos bons costumes¹⁶.

Os padres e bispos eram enxergados como criaturas parasitárias cuja única função era entorpecer os trabalhadores com a religião, mantendo a exploração capitalista e escravidão moral da classe operária. Manter a dominação do homem pelo homem:

Os clérigos, esses instrumentos cegos de ricos, esses parasitas que somente servem para embrutecer ao povo, conservando-o no maior obscurantismo, dizem a seus ouvintes:

Filhos! Trabalhai, sofrei, respeitai aos nossos patrões, aos poderosos, porque quanto mais sofres na terra, mais gozarás no céu!¹⁷

Outro aspecto fundamental da temática anticlerical era a luta a favor da razão, da ciência e do conhecimento contra o “obscurantismo medieval da Igreja”. Os padres eram acusados de temer o avanço da ciência pois o avanço científico dificultaria o sucesso da retórica de superstição impingida por eles. Nos artigos publicados na imprensa de tom anticlerical era comum a presença de biografias de cientistas que entraram em choque com o pensamento católico, destacando-se as perseguições religiosas promovidas pela Igreja na Inquisição. Conforme exemplifica o trecho de uma coluna anticlerical de um jornal operário:

E por que perseguem os padres a ciência?

Porque sabem que quando o povo tiver uma cultura científica bem sólida, os padres não terão mais o que comer.

Porque sabe, que quando a ciência abrir os olhos do povo, ele verá claramente a inutilidade, a monstruosidade, a podridão dos pares católicos, os esquecerão.

Porque sabem que quando o povo tiver ciência suficiente, verá que os padres são inimigos do homem, da família, da paz, da humanidade.

Eis por que os padres tentam impedir a todo transe a difusão científica.

Porque quando a razão reinar na Terra, os padres serão para sempre jogados no abismo¹⁸.

A emancipação feminina também fazia parte do discurso anarquista e estava intimamente atrelada à militância anticlerical. A mulher no século XIX e início do XX tinha

15 LA BATAGLIA. São Paulo, 6 de setembro 1912, p.3.

16 A TERRA LIVRE. São Paulo, 01 de maio de 1910, p.1.

17 EL DEL PUEBLO. San Pablo, 30 de setembro de 1899, n.6.

18 A LANTERNA. São Paulo, 3 de maio de 1901, nº 5.

um papel social muito restrito e era basicamente a mantenedora da sagrada família cristã e principal alvo das campanhas e da dominação da Igreja: “[...] o anticlericalismo militante ou passivo, são, no século XIX, fenômenos exclusivamente masculinos. Este é um lamento generalizado dos párocos: os homens não comparecem mais à Igreja”¹⁹.

As condições de trabalho das mulheres proletárias eram piores do que as condições dos homens proletários: salários menores, jornada dupla (na fábrica e no lar), consideradas mais dóceis e menos politizadas; tais características eram vistas com maus olhos e desconfiança no meio sindical. Por conta desse contexto, as mulheres eram mais suscetíveis à influência do discurso clerical pelo fato da maioria frequentar Igrejas. A mulher era considerada no meio anarquista como atrelada às explicações teológicas sobre o mundo. A força do discurso clerical mantinha o poder sobre as mulheres da mesma forma que reforçava o comportamento conformista. Estas características influenciaram na percepção da figura da mulher pelos sindicalistas:

Em todos os veículos de propagação das ideias libertárias, o clero é apresentado como força extremamente prejudicial à adesão da mulher ao anarquismo, como grande força conservadora que a mantém presa a uma verdade teia de superstições, impedido seu acesso à educação, à ciência e justificando sua subjugação e exploração, fortificando cada vez mais os preconceitos que a remete aos pares de esposa e mãe abnegada e pronta a se sacrificar pelos seus²⁰.

Os anarquistas procuraram meios de combate à influência da Igreja no meio sindical e na vida privada dos trabalhadores usando como instrumento a educação racional e científica. O papel da Igreja como opressora da mulher e educadora de crianças e adolescentes era constantemente denunciando como abuso e doutrinação em prol dos poderosos. Por isso, criaram centros de cultura popular, escolas racionalistas, universidades populares, peças de teatro, poemas e jornais²¹ para combater à influência do clero na educação da família proletária, construindo, assim, uma cultura operária.

Dentre essas ferramentas, no dia 21 de fevereiro de 1912 foi fundada a Liga Anticlerical. Nela, consistiam os direcionamentos gerais para a militância anticlerical da época e os principais aspectos da ação direta contra o clericalismo.

O Estatuto da Liga foi dividido em oito capítulos, cujos mais importantes eram:

capítulo I: Trata das disposições gerais da Liga (sede, duração, fins e meios). Nele se destaca o item 7 que ataca a educação como sendo de responsabilidade da Igreja e outros aspectos relacionados ao questionamento do catolicismo;

capítulo IV: Aborda a administração responsável por organizar os encontros e os eventos relacionados a militância anticlerical;

capítulo V: Tem como tema a propagação e quais instrumentos serão usados pela liga na propaganda anticlerical²².

Ao lado da Liga Anticlerical os anarquistas organizaram e fundaram um periódico

19 GIORGIO, Michela de. “O Modelo Católico” In: DUBY, George; Perrot, Michele. *História das Mulheres no Ocidente: O Século XIX*. São Paulo: EBRADIL, 1991, vol.4, p.199-237.

20 PRACCHIA, Lygia. “Os libertários e os caminhos da emancipação feminina” In: *Projeto História – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, nº 11, São Paulo: Editora PUC-SP, 1994, p.75.

21 Sobre a criação de escolas racionalistas e centros de cultura social, uma cultura operária, ver a obra *Nem Pátria nem patrão*, de Francisco Foot Hardman.

22 Estatuto da Liga Anticlerical de 1912. São Paulo. Acervo disponível no AMORJ.

onde o anticlericalismo era o tema central: *A Lanterna*. Nele, assuntos relacionados ao anticlericalismo e sua militância eram abordados em colunas, reportagens e poemas.

O Anticlericalismo nas Páginas do Periódico *A Lanterna*

A militância anticlerical do movimento anarquista nas duas primeiras décadas do século XX teve maior destaque nas páginas do periódico *A Lanterna*, cujo eixo de circulação era o Rio de Janeiro-São Paulo. Congregando ações anticlericais, o jornal contou com a participação de livres pensadores e maçons, sendo um importante foco de ação anticlerical na Primeira República.

Fundado na cidade de São Paulo em 1901, o periódico se autodefinia como “folha anticlerical de combate” e teve como editor Edgard Leurenroth, conhecido militante anarquista. A folha anticlerical teve três períodos distintos de publicação: um primeiro período que durou o triênio 1901-1904 e seu relançamento, em 1909, graças aos militantes anarco-sindicalistas, permitiu que o jornal fosse publicado de forma descontínua até 1916, sendo republicado durante a década de 1930, mostrando uma continuidade do anticlericalismo militante.

Em sua edição de 08 de março de 1913 o jornal apresentou um editorial chamado de *O nosso anticlericalismo*, que abordava as diretrizes da militância defendida pelo periódico. A militância não seria apenas anticlerical, mas também antirreligiosa:

A expressão anticlericalismo, tornando-se integral, como nós o fazemos, abrange:

- a) Luta contra os padres, para mostrar as contradições de sua vida com a sua doutrina, o seu sacerdócio como profissão, tendo o interesse material por base, etc, o que é importante para os camaradas mais simples da população que veem o padre e não os dogmas e mitos, como importante foi, para o povo que não lia os enciclopedistas, a propaganda pelo libelo, pelo panfleto, contra a realeza, a nobreza e o clero.
- b) Discussão filosófica e história dos dogmas e mitos, isto é, o antirreligiosismo, luta contra a base teórica da Igreja.
- c) Luta contra a influência política da Igreja – pela ação direta, pela propaganda extraparlamentar.
- d) Propaganda para mostrar o poder econômico da Igreja, a Igreja como empresa, como auxiliar da exploração capitalista, como divisora do proletariado fatora do crumirismo²³.

Nas páginas do periódico o clero católico era atacado com uma linguagem agressiva e direta, sendo tratado como libidinoso, devasso, corruptor e como maior inimigo da humanidade, cabendo à militância anticlerical pôr fim ao domínio dos “vampiros de batina”²⁴.

Um artigo intitulado “O padre”, publicado na edição de 26 de julho de 1913, exemplifica o discurso feroz e direto da militância anticlerical do jornal:

A cor do traje reflete também o caráter deste vivente ou da sua missão nas sociedades que o criaram; ou é negra como a treva da ignorância que ele espalha e propaga, sombria como o crime que encarna; ou é vermelha como os apetites sanguinários da sua natureza, cor simbólica da impetuosidade e veemência das suas paixões ou é roxa como a hipócrita penitência da sua vida [...]. Misto de camaleão, porco, raposa e hiena. [...] meio homem meio mulher, castrado e sátiro, sodomita e fêmeiro, asceta e libidinoso, ente inqualificável. [...] “não há padres bons”.

23 “O nosso anticlericalismo”. *A LANTERNA*. São Paulo, 08 de março de 1913. p.01.

24 Vampiros de batina”, um dos apelidos do clero católico dado pelos militantes libertários.

Todos eles são perigosos, são missionários do erro, da mentira [...]»²⁵.

O objetivo principal do periódico era denunciar e combater o clero a partir do que considerava como incongruências da vida religiosa. Para isso, o jornal utilizava charges, colunas fixas como *O que se faz nos seminários e nas paróquias* e *Rol dos culpados* – que denunciavam os crimes sexuais dos clérigos, com o objetivo de despertar o ceticismo dos homens em relação ao catolicismo e libertar as mulheres, as principais vítimas da influência do Cristianismo. O periódico seria a ferramenta pedagógica na qual a militância anticlerical anarquista libertaria o movimento operário da dominação religiosa, da ignorância.

Essa militância pró-atéismo do jornal usava do sarcasmo e da picardia para, com uma linguagem objetiva, alcançar o espírito do leitor e propagar os mais variados sentimentos antirreligiosos. Assim, a Bíblia era ridicularizada em uma coluna especial chamada de *Conflitos Bíblicos*, em que os editores zombavam de forma clara dos episódios e passagens do livro sagrado, tidos como inverossímeis e nebulosos. Escarneciam-se dos milagres e das crenças dos fiéis, debochava-se do inferno. Todos os dogmas do Cristianismo eram ridicularizados e até Jesus Cristo era alvo de críticas e zombaria.

Por meio de imagens com forte apelo a vida de luxo levada pelo alto clero, o dízimo e os crimes sexuais cometidos pelos clérigos eram criticados. Um anticlericalismo militante que se constituiu por intermédio de uma sátira ferina e panfletária, cujo resultado foi um riso irônico e sarcástico.

Outra ferramenta bastante utilizada pelo jornal era a poesia de tendência anticlerical. Estes poemas tratavam de diversos temas históricos e do cotidiano da vida dos operários, tendo sempre a crítica à religião em voga; questionavam os dogmas religiosos, o alinhamento da Igreja ao Estado e outros aspectos. No poema *Monstro Presago*, o Vaticano, a Igreja Católica e o clero aparecem como inimigos da humanidade, da liberdade humana e como monstros a serem combatidos:

Esta ave lóbrega, a noturna harpia
Do obscurantismo; este o milhai insano,
Em cuja hediondez se compendia
O poder temporal do Vaticano!
Quando a coruja atroz da hipocrisia
Enche com o risco alvar, alvar e ufano,
A terra entregue à Inquisição sóbria,

Treme, aterrado, o Pensamento Humano.
Tudo na sua voz são maus-agouros!
Seu aloucante olhar tem o hipnotismo
Dos martírios cruéis, dos sorvedouros!

Foge, Brasil, a este dilema feroz:
Clero-coruja do analfabetismo.
Coruja-imagem do Porvir... Com o Clero!²⁶

25 A LANTERNA. São Paulo, 03 de junho de 1913, p.1.

26 D'ÁVILA, Carmen. "Monstro Presago", A LANTERNA. São Paulo, 26 de setembro de 1914, p.2.

Além da clara propaganda anticlerical e da convocação à classe operária para lutar contra a Igreja e seu poder, outro aspecto importante é o fato do poema ter sido escrito por uma mulher, o que mostra que, embora fizessem parte da minoria, havia mulheres que militavam em prol do anticlericalismo.

Exaltação da ciência, passagens mitológicas, mensagem direta ao clero e desabaços eram tratados nos poemas libertários. O caráter libertador do conhecimento científico aparece em poemas como *A Igreja e a Escola*:

-Donde vens tu, mulher, como a desgraça esquelada?

Que precoce velhice em tua fronte alveja?

Quem és tu? Donde vens, ó miséria, tão pálida?

-Eu sou a Ignorância, e venho duma Igreja!

-E tu bela mulher, rosada, alegre e pura,

Que ostentas no semblante a seiva das carolas,

Quem és tu? Donde vem pujante criatura?

Eu sou a educação, e venho das escolas²⁷.

Apesar de não ter sido publicado de forma contínua e pela forte repressão que os jornais operários sofriam pelas autoridades da república oligárquica, o periódico foi importante por congregar ações anticlericais e denunciar as contradições e crimes cometidos pela Igreja. Uma ferramenta pedagógica e política de suma importância para o movimento sindicalista que está disponível no AMORJ e nos arquivos da FARJ.

Considerações Finais

Discutir questões acerca do combate à religião e a militância anticlerical sempre foi um fator importante para o anarco-sindicalismo da Primeira República. A luta contra o Capital e o Estado só seria possível caso se lutasse também contra a Igreja, já que esta tríade era enxergada como base da sociedade burguesa.

Para os militantes anarquistas, só seria possível atingir a sonhada revolução social através da ação direta contra o clero católico, a religião e a Igreja. O papa, líder máximo da Igreja Católica, era constantemente ridicularizado pelos militantes libertários, como no manifesto divulgado que discorria sobre a mudança do trono papal ocorrida em 1903:

Morreu o Papa Leão XIII. A mentira como convencional e a hipocrisia interesseira traçam neste momento encomiásticas necrologias do velho inútil que expirou no Vaticano, em dias da semana que se finda. Durante 25 anos Joaquim Pecci ocupou o sôlio pontifício e nesse longo reinado nada fez do que mentir àqueles que esperavam ouvir de sua boca a suprema verdade!²⁸

²⁷ CASTRO, Fonseca. Rio de Janeiro, 26 de abril de 1914.

²⁸ *A LANTERNA*. São Paulo, 11 de julho de 1903, p.2.

A campanha anticlerical era, antes de tudo, uma ferramenta para libertar a mulher de sua opressão histórica pelas religiões, tendo como ferramenta para isso a educação racional, a ciência e a ridicularização da crença. Uma libertação das injustiças sociais, já que a fé cristã tinha como marca a resignação ao sofrimento no mundo.

Como expoente das lutas sociais e formação da classe operária brasileira, o movimento anarco-sindicalista foi fundamental na organização da Greve Geral de 1917, nas greves operárias e nos conflitos entre o capital e o trabalho nas primeiras décadas do século XX brasileiro. O anticlericalismo militante, deste modo, aparece como ferramenta de luta operária contra a ordem burguesa na criação de um novo tipo de sociedade, mais justa e solidária.

Por fim, uma das capas do jornal A Lanterna em sua circulação na imprensa operária:

Imagem 1 – Capa da edição de 1912 de *A Lanterna*



Recebido em: 11/02/2018

Aprovado em: 22/06/2018